

A dialética entre a ideologia e utopia: “visão de mundo” na perspectiva de Michael Löwy

Magno Melgaço*

Resumo

O presente artigo pretende debruçar-se sobre a contribuição de Michael Löwy para o entendimento do conceito de ideologia, conceito este difícil de definir e que varia de sentido em cada intelectual que tenta fazê-lo. Nesta perspectiva, a escolha deste autor e sua obra *As aventuras de Karl Marx conta o Barão de Münchhausen* (que tece um estudo da ideologia) parte de uma questão que perpassa todo caminho teórico e pessoal do autor aqui estudado: a importância da utopia para o pensamento marxista. Para tal entendimento, a obra apresenta a disputa epistemológica entre dois tipos visões de mundo diferentes e antagônicas dentro do campo das Ciências Sociais: uma ligada ao pensamento conservador, que propõem uma ciência pura e livre pressupostos ou visão de mundo; e outra, em destaque, ligada ao conhecimento científico tanto teórico quanto prático, arraigada às questões sociais, posição de classe e voltada a romper com a estrutura consolidada.

O intuito deste estudo é apresentar como a ideologia (ou visão de mundo) é ligada ao ponto de vista do sujeito inserido em determinada posição, seja política, religiosa, econômica, etc., revisando os principais pontos de embate entre os dois tipos de visão de mundo. A pretensão é mostrar que no campo das ideias e da prática, seja ela revolucionária ou conservadora, não existe neutralidade.

Palavras-chave: Michael Löwy, Visão de Mundo, Ciências Sociais.

Dialectics between ideology and utopia: “world view” in Michael Löwy’s perspective

Abstract

This article approaches the contribution of Michael Löwy to the understanding of the concept of ideology, which is difficult to define and varies its sense according to each intellectual. In this perspective, the choice of this author and his work *The adventures of Karl Marx account Baron of Münchhausen* (which conceived a study of ideology) leaves a question that follows the whole author’s theoretical and personal trajectory studied here: the importance of utopia for Marxist thought. For such understanding, the work presents the epistemological dispute between two types of "world views" different and antagonistic within the field of Social Sciences: one is connected to the conservative thought, offering a science pure and free from assumptions or world view, and another, featured, connected to the scientific knowledge both theoretical and practical, rooted in social questions, class position and committed to struggle against consolidated social structure. The purpose of this study is to point out how ideology (or world view) is connected to the point of view of the subject occupying a certain position, whether political, religious, economic, etc. reviewing the main aspects of the two clashing world views. The intention is to show that in the field of ideas and practice, whether revolutionary or conservative, there is no neutrality.

Keywords: Michael Löwy, World Views, Social Sciences.

* Discente de graduação no bacharelado em Ciências Sociais da UFF/Campos.

Introdução

Michael Löwy é um dos principais sociólogos marxistas da atualidade, com uma significativa produção intelectual voltada à teoria marxista, ao socialismo e à consciência de classe. Brasileiro radicado na França, filho de imigrantes judeus, é diretor emérito de pesquisas do *Centre national de la recherche scientifique* de Paris. Graduou-se em Ciências Sociais na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) onde direcionou suas atenções ao movimento sindical paulista. Lá teve entre seus professores Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Antonio Candido, Azis Simão e Florestan Fernandes. Obteve título de doutor pela *Sorbonne*, na França, sob a orientação de Lucien Goldmann, com a tese sobre a revolução no jovem Marx.

Marxista e preocupado com a causa operária, sua atuação intelectual sempre andou de mãos dadas à militância socialista. Suas referências teóricas perpassam por Marx e Engels e o marxismo revolucionário, principalmente Rosa Luxemburgo, e os marxistas contemporâneos, como György Lukács e Walter Benjamin e seu orientador Goldmann, do qual toma como referência o termo “visão de mundo”. Suas obras se estendem a um grau internacional, chegando a ser traduzida para diversas línguas. Autor de livros e artigos que debatem sobre diferentes temas da sociologia e da política marxista, uma dessas obras, derivada de uma série de palestras das quais Löwy participou na década de 1990, teve como foco um conceito que ainda não encontrava definição consensual dentro dos estudos e debates que havia feito: o conceito de ideologia. Para tal entendimento do conceito, o autor, de forma bem humorada, confronta duas personagens que carregam consigo a representação ideológica no conhecimento científico-social: de um lado Karl Marx e de outro o Barão de Münchhausen.

Em seu livro *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, Michael Löwy apresenta a história da ideologia inserida na teoria do conhecimento das Ciências Sociais, cotejando as correntes de pensamentos presentes ao longo da construção desta ciência. O título faz alusão de maneira jocosa à disputa entre duas formas de pensar a relação entre conhecimento e realidade social. Enquanto uma corrente (representada por Karl Marx) concebe o conhecimento arraigado à questão social; a outra (representação do positivismo) tenta se desvencilhar dessa questão social, afastando-a de seu trabalho científico, assim como no conto do Barão de Münchhausen, na qual o mesmo se salva do pântano em que está afundado agarrando e puxando os próprios cabelos. Em outras palavras, o intuito de trabalharmos com a ideia de ideologia como visão de mundo é demonstrar as diferentes formas deste conceito nas diferentes correntes de pensamento das ciências sociais –

Positivismo, Historicismo e Marxismo –, além de também demonstrar como a visão de mundo varia e, acima de tudo, que não é neutra.

A construção do termo “Ideologia”

Segundo Michael Löwy visão de mundo perpassa a concepção de crença, de perspectiva, de ponto de vista e tudo mais que determine uma vertente de escolha. A visão social do mundo é uma síntese dialética entre a ideologia e a utopia, estas duas últimas que foram apontadas por Mannheim (porém com outra determinação). A primeira defende a ordem estabelecida, o pensamento conservador; a segunda defende a ruptura com esta ordem estabelecida, o pensamento revolucionário. Nessa perspectiva, a visão de mundo desenvolve um duplo exercício, ora ela é ideologia e tende a conservar o que está posto, ora ela é utópica e questiona a ordem estabelecida, dependendo do lado social em que o indivíduo se posiciona.

Inicialmente o termo “ideologia” foi pensado, dentro da zoologia, por Destutt de Tracy, em 1801, como “ciência do conhecimento”, na qual daria conta da pesquisa das ideias, numa perspectiva científico-naturalista. Posteriormente, com uma crítica feita por Napoleão aos enciclopedistas como ideólogos, o termo toma o caráter abstrato/ metafísico – fora da realidade. (Löwy, 2014, p.18).

Marx e Engels, na obra *Ideologia Alemã* (1845/1846), se apropriam do termo para descrever a falsa consciência produzida pela ordem estabelecida no capitalismo, isto é, atribui à ideologia a conotação conservadora, algo que busca o estabelecimento e reprodução do sistema. Seguindo uma ordem ainda marxista do termo, Lenin atribui uma nova lógica ao termo, não somente ligado à parte conservadora: a ideologia como concepções do mundo ligadas às classes sociais.

O termo ideologia volta a ter uma consistente análise com Karl Mannheim em *Ideologia e Utopia* (1936). Este autor, baseado nas concepções leninista de ideologia, elabora o termo “ideologia total”, definida como estrutura categorizada, a perspectiva global, o estilo de pensamento ligado a uma posição social. Dentro da noção de “ideologia total” há dois tipos de variantes: ideologia e utopia. Ideologia é a ideia que preserva e reproduz a ordem estabelecida, enquanto Utopia (não no termo pejorativo vulgar), contrária à ideologia, visa à ruptura com a ordem estabelecida e reivindica uma nova ordem. Löwy identifica uma ambiguidade no termo “ideologia total”, por comportar tipos antagônicos em um mesmo ponto e pensa ser mais adequado o termo “visão social de mundo”. Em outras palavras, o termo “ideologia total” poderia designar tanto a visão conservadora como a visão utópica, o que poderia causar imprecisão na hora de diferenciar os tipos.

Para não causar tanta confusão nos termos, Löwy separou os conceitos em dois tipos de visões: a visão de mundo ideológica (conservadora) e a visão de mundo utópica (revolucionária). Ambas estão inseridas em conceito mais abrangente na qual Löwy designou como “visão social de mundo”, relativa à posição social na qual o sujeito se insere. Isto é, atribui-se o termo “social” à visão de mundo por levar-se em conta o ponto de vista de classe ao interpretar a realidade: ideológica, para as classes conservadoras; utópicas, para as classes revolucionárias. Dentro da teoria do conhecimento nas ciências sociais, a percepção de visão social de mundo segue e varia (d)entre três principais correntes: positivismo, historicismo e marxismo.

O positivismo e sua visão de mundo

O positivismo começa como teoria revolucionária, junto ao ímpeto burguês do século XVIII com Condorcet, enciclopedista francês, que propunha o rompimento com o sistema aristocrático/clérigo/absolutista. Condorcet primava pela ciência à religião e apoiava um sistema econômico burguês. Seu sucessor, Saint-Simon, continuou com a mesma perspectiva de ciência e conhecimento nada dissociada das ciências naturais, pelo contrário, ele associava a “ciência do homem” à física e à fisiologia. Segundo ele, a ciência (política) positiva ajudaria na higienização (combate), junto ao movimento burguês, contra os parasitas (a aristocracia e o clero) para a mudança de regime na França (Ibid., 27).

Na virada do século, Comte, sucessor de Saint-Simon, situado numa sociedade (burguesa) diferente dos seus antecessores, institui a ciência positiva – por este motivo é considerado o pai do positivismo – visando o estabelecimento da ordem natural e legitimando o sistema burguês, a busca pelo progresso da indústria e contra as ideias negativas, críticas, anárquicas, dissolventes e subversivas da filosofia Iluminista e do socialismo utópico. Ele estabelece a “física social”, o último passo na filosofia, que estudaria, de forma similar às ciências naturais, o Homem e a Sociedade – e dessa forma institui a “ideologia positiva”. Émile Durkheim retoma toda essa perspectiva positivista comteana e institui como ciência universitária a Sociologia, cujo objeto era os fenômenos naturais sociais, isto é, a ordem natural que mantém a coerência na sociedade. Uma ciência que acima de tudo pressupõe ou pré-determina o afastamento dos pré-conceitos e das pré-noções, em outras palavras, que propõe uma ciência “neutra”; uma ciência sem uma “visão de mundo” como base. Uma ciência cujos fenômenos estudados são dados naturalmente.

Nesta parte podemos ver a transformação da visão de mundo positivista – de uma visão utópica para a ideológica. O grande problema posto por Löwy nesta segunda geração do positivismo (Comte e Durkheim), em que coloca em comparação com o conto do Barão de

Münchhausen¹, cuja história é tão curiosa quanto à ideia positivista de neutralidade científica nas ciências sociais. O que se questiona no positivismo é o julgamento de neutralidade da ciência. Ele parte de um juízo. Um juízo conservador do qual, tanto Comte quanto Durkheim, achavam, de certa forma, uma “coisa” natural e que o cientista poderia, de “boa vontade”, isolar todo seu juízo e manter a neutralidade científica – assim como Barão que consegue, por conta própria, puxar-se pelos cabelos e se livrar do pântano ao qual estava preso.

O historicismo e sua visão de mundo eclética.

O historicismo começou na Alemanha entre o final do século XVIII e início do século XIX. Esta corrente conservadora era composta por historicistas antirrevolucionários/anticapitalistas, contrários às mudanças trazidas pelos filósofos iluministas, a Revolução francesa e a expansão napoleônica. Pregava o Romantismo, o passado pré-capitalista, a cultura gótica, as instituições medievais, o direito feudal tradicional, além de serem contra a sociedade burguesa racionalista emergente. Acreditavam que as instituições eram “raízes” da história orgânica, fruto de uma acumulação histórica e da tentativa artificial de derrubá-la por meio de revoluções que deveriam ser preservadas. Sua visão de mundo conservadora não era considerada, por eles próprios, como um julgamento de valor e/ou vinculada socialmente, mas sim a manifestação histórica da própria realidade, expressão direta do movimento histórico.

Durante as transformações ocorridas no século XIX, o ponto de vista conservador também se modifica. Ele já não pode, historicamente, defender o estilo de pensamento pré-capitalista, tal ação seria anacronismo. O pensamento histórico conservador foi superado por não dar conta das mudanças históricas na sociedade: desenvolvimento da indústria, crescimento econômico do capitalismo na Alemanha unificada, crescimento do poder da burguesia industrial e financeira, entre outras coisas. Ele se redefine e se transforma: deixa de ser conservador para se tornar relativista. E tem como principais teóricos Wilhelm Dilthey, Max Weber, Georg Simmel e Karl Mannheim.

O maior representante neste período foi o alemão Wilhelm Dilthey. Crítico do positivismo e sua separação entre verdade científica e a verdade social, o autor separa o estudo das ciências naturais das ciências sociais, baseando-se em três pontos: 1) Identificação do sujeito e do objeto dentro do contexto histórico; 2) A unidade inseparável entre juízo de fato e o de valor; 3) A necessidade de compreender e a significação vivenciada dos fatos sociais.

¹ A lenda do Barão de Münchhausen conta a estória fantástica do homem que, ao ver-se em apuros afundando em um pântano, agarra e puxa seu próprio cabelo e livra a si mesmo e seu cavalo de um triste destino através desse método.

Para Dilthey, a “verdade científica” é relativa e depende do movimento histórico, assim como, por consequência disto, de uma visão de mundo, como é apresentado pelo autor no trecho que segue:

(...) cada visão de mundo é historicamente condicionada, portanto, limitada, relativa... Cada uma exprime, nos limites de nosso pensamento, uma dimensão do universo. Cada uma é, conseqüentemente, verdadeira. Mas cada uma delas é unilateral. (DILTHEY Apud LÖWY, 2013, p.89).

Outro autor do historicismo alemão a criticar o método positivista foi Max Weber. Baseado na corrente neokantiana, Weber propõe uma teoria da ciência estruturalmente diferente da positivista (mas que não chega a romper totalmente com esta): a neutralidade axiológica.

Em sua conferência “Ciência como Vocação” (1919) Weber, diferente dos positivistas, afirma que não há a possibilidade de uma ciência totalmente neutra. Ao se partir de uma questão, esta é guiada pelos valores. Entretanto, deveria haver uma distinção no juízo na obtenção da resposta, dever-se-ia aplicar o juízo de fato e não o juízo de valor. É na resposta de um problema sociológico que Weber se aproxima do positivismo, ao propô-la sem juízo de valor, isto é, neutra.

A partir desta proposição, Löwy aponta uma incongruência na proposta weberiana: na neutralidade axiologia a pesquisa científica em questão é guiada por valores, isto é, o recorte da realidade presume a escolha a partir de valores, só que o “resultado” desta pesquisa deveria destituir-se desses valores. Entretanto, é nesse ponto que consiste a incongruência, já que a pergunta é guiada por valores do pesquisador, conseqüentemente a resposta será direcionada de acordo com a questão, ou seja, a visão de mundo do pesquisador guiará todas as etapas da pesquisa.

Na perspectiva historicista relativa do sociólogo alemão Georg Simmel, aluno de Max Weber, o produto da ciência histórica é o resultado do ponto de vista unilateral, condicionado pelos pressupostos e/ou interesses metateóricos dos cientistas; a visão de mundo é eclética e resulta da dissolução das cristalizações dogmáticas no movimento fluído da história. Ela é o pensamento (tendencioso) comum entre as camadas médias no período de transição. Em outras palavras, dentro do movimento histórico a realidade é um recorte vinculado ao ponto de vista do indivíduo que varia de acordo com sua perspectiva. Isto é, relativa aos olhos de quem vê – e por esse motivo ela (a visão de mundo) é eclética.

Para Karl Mannheim, baseado no relativismo histórico clássico e nas concepções marxistas, a estrutura categorizada, a perspectiva global, o estilo de pensamento é

historicamente condicionado e ligado a uma posição social, noção a qual categoriza como “ideologia total”. Dentro da noção de “ideologia total”, o autor determina perspectivas distintas entre as categorias ou grupos sociais, resultando em dois tipos de “estados de espíritos” variantes dela: ideologia e utopia. Ideologia é a ideia que preserva e reproduz a ordem estabelecida, enquanto a Utopia é o pensamento revolucionário que visa à ruptura com a ordem estabelecida e reivindica uma nova ordem. O autor também elabora o conceito de “dependência situacional” de todo conhecimento histórico, isto é, todo conhecimento histórico possui, em si, o ponto de vista de seu sujeito observador vinculada a uma camada social. As diferentes formas de recortes históricos do mesmo objeto, segundo Mannheim, não são contraditórias, apenas ocupam posições diferentes. Elas se articulam através da “síntese”: a solução historicista para o ecletismo, que permite a percepção mais abrangente de determinada época histórica a partir da “complementariedade recíproca” das distas perspectivas sociais.

O conceito de Mannheim de ideologia é central para compreensão do caminho percorrido por Löwy para a construção de sua análise, sobretudo por se tornar uma das bases interpretativas do conceito de visão de mundo ideológica e visão de mundo utópica, desenvolvido no livro aqui comentado. O próximo ponto (a visão de mundo na teoria marxista) é outra chave de entendimento da questão levantada no começo do texto: qual a importância da visão de mundo utópica para as ciências sociais? É o ponto de construção da teoria de Michael Löwy para fazer-nos entender a relevância do pensamento utópico para o desenvolvimento do marxismo e também para a teoria do conhecimento da ciência sociedade.

O marxismo e a visão de mundo do proletariado

Apesar do enunciado acima insinuar o vínculo da visão de mundo ao ponto de vista proletário, dentro das diferentes correntes do marxismo esta proposição não é consensual: assim como toda ideia de ideologia, ela também varia. Na verdade havia uma vertente marxista que queria separar a ciência marxista (ou materialismo histórico) do seu juízo de valor (a consciência de classe) para transformá-la em uma ciência “pura”: o marxismo positivista e os socialistas neokantianos². Mas antes de discorrer sobre essas correntes, além das outras que criticaram essa postura teórica, comecemos do início: a noção de Marx sobre a visão de mundo.

² O marxismo positivista representado principalmente nas ideias de Kautsky visava uma ciência marxista “pura”, separando de toda questão de classe do método dialético, tornando-o neutro. Já os socialistas neokantianos da social-democracia alemã representada por Bernard Bernstein, propunha a separação do juízo de valor do juízo de fato ao se fazer ciência, isto é, separar as perspectivas de classe da análise científica sobre o socialismo, pois este último se daria nem a necessidade de uma revolução, mas sim de forma natural. Mas no fim, as duas correntes almejavam coisas parecidas à ciência sem determinação de classes ou suas visões de mundo.

Segundo Löwy, Marx se detém mais sobre o termo “ideologia” em seus escritos, principalmente no livro “A Ideologia Alemã”, na qual vincula este termo às formas “especulativas, idealistas e metafísicas da consciência social” (Ibid., 120). Entretanto, é na obra “O 18 Brumário de Luis Bonaparte” (1852) que se encontra a definição “mais precisa, mais concreta e mais fértil das ideologias e das visões de mundo enquanto expressão de uma classe social determinada, isto é, o que ele chama de ‘superestrutura” (Ibid., 121). Em outras palavras, é com Marx que a visão de mundo se associa à questão social³ e levanta as questões acerca da relação entre ciência, ideologia e conhecimento social. Para este trabalho é interessante essa interpretação, pois dessa maneira podemos apresentar a ideia de como Marx expõe sua noção de visão de mundo associada às questões de classe.

Em contrapartida, a corrente socialista nem sempre vinculou o conhecimento marxista ao pensamento de classe – na verdade existiram correntes que queriam o contrário disso: livrar a concepção de socialismo do ponto de vista das lutas de classes.

No fim do século XIX e início do XX surge uma corrente socialista muito influenciada pela ideologia positivista dentro da Segunda Internacional, cuja concepção era criar uma ciência marxista “pura”, livre das visões de mundo de classes. Seus principais articuladores eram Karl Kautsky (do Marxismo Ortodoxo) e Eduard Bernstein (do Socialismo Revisionista).

A teoria de Bernstein era a junção do pensamento neokantiano, que separava a ética socialista do julgamento de valor social, com o pensamento positivista de Comte, ao conceber a ideia de uma ciência empírica, neutra e positiva, e as ideias de Marx, quando tenta articular a dialética entre ciência e socialismo. Para ele o socialismo era arraigado da visão de mundo de uma classe, enquanto a ciência é livre dessa tendência. Por isso, o primeiro não poderia dar conta cientificamente dos fatos sociais, era necessário para tal, uma sociologia científica. Sua tese antirrevolucionária concebia o socialismo de forma natural, como uma etapa da evolução humana. Por este motivo era desnecessária a revolução.

Já Kautsky queria eliminar a visão de mundo na ciência da sociedade para tornar o marxismo uma ciência axiologicamente neutra. Porém, diferente de Bernstein, Kautsky reconhece a relação entre o conhecimento e as classes sociais, mas acreditava que essa relação desencaminha o marxismo científico “puro”. Como consequência disto, Kautsky acaba desvinculando o materialismo histórico do proletariado – e de sua visão de mundo.

³ Mas essa perspectiva é questionada em seguida na Segunda Internacional e no Revisionismo, como já fora levantado no primeiro parágrafo deste ponto e que retomaremos em seguida.

Em extrema oposição a esse lado positivista-marxista, os marxistas revolucionários – guiados principalmente por Lenin e Rosa Luxemburgo – eram radicalmente contrários à perspectiva positivista: eles proclamaram o vínculo epistemológico entre a visão de mundo do proletariado e a ciência marxista. Lenin afirmou que “em uma sociedade fundada na luta de classes, não poderia haver ciência ‘imparcial’” (LENIN Apud LÖWY, 2013, p.148). Ele restabeleceu a dialética entre ciência e revolução no marxismo, pois acreditava que ciência e socialismo não se desassociavam; que o “espírito revolucionário” era também altamente científico e que o fundador do marxismo (Marx) unia em si as qualidades do sábio e a do revolucionário.

Na mesma direção que Lenin, porém com maior profundidade na questão levantada por ele (ciência e revolução), Rosa Luxemburgo, na crítica a Bernstein e ao revisionismo, argumenta sobre a insistência desta corrente em separar a ciência das questões sociais de classes. Para ela, diferente do pensamento marxista-positivista, o que separa a ciência social da ciência da natureza é o engajamento da primeira com a luta de classes. Desvincular a ciência da questão partidária é ingenuidade, além de existir somente uma forma para unificação da visão social de mundo: o socialismo – quando a ciência se transformar em “ciência universalmente humana” (Ibid., p.152-153).

Outra corrente do marxismo que corrobora na questão da visão de mundo do proletariado na ciência materialista histórica é o marxismo histórico, que, segundo Löwy, se designa como “uma corrente metodológica no seio do pensamento marxista que se distingue pela importância central atribuída à historicidade (dialeticamente concebida) dos fatos sociais e pela disposição em ampliar o materialismo histórico a si mesmo” (Ibid.). Nela podemos destacar a contribuição para teoria da visão de mundo os autores Georg Lukács, Antonio Gramsci e Lucien Goldmann.

Conforme apresentado por Löwy, o sociólogo húngaro György Lukács, foi o primeiro e talvez o mais importante representante do marxismo historicista e a sua obra “Historia e Consciência de Classes” muito relevante para a teoria do materialismo histórico. Para ele, o marxismo e toda forma de conhecimento da sociedade está ligado à consciência de uma classe. A consciência de classe é o sentido da situação histórica da classe e o proletariado por fazer parte do processo de produção, compreende o movimento da vida coletiva de melhor forma, pois, segundo Lukács, se trata de uma questão vital (de vida ou morte); pela luta contra a “coisificação” e o questionamento do processo de reificação, além de ser essencial à revolução proletária.

Para Gramsci toda visão de mundo é histórica, assim como a ciência. Elas estão em perpétuo movimento e desenvolvimento e não se desassociam. O marxismo (ou como o autor designava: “a filosofia da práxis”) é a base na qual o proletário toma consciência do seu papel na sociedade, de sua força como base revolucionária, seus objetivos e seu futuro. Ele a concebia de forma indireta como uma ideologia, superior a outras ideologias por dois motivos: 1) ela não precisa sustentar os interesses opostos e contraditórios, afinal ela é a contradição do que está posto; 2) por ela não ser um instrumento de controle para assegurar a hegemonia da classe dominante. Na verdade a filosofia da práxis é a forma do proletário desvelar a verdade para se “educar e adquirir a arte de se governar” (Ibid., p.164). Compreender a visão de mundo marxista por sua historicidade é, de acordo com a perspectiva gramsciana, conhecer que ela será superada no decorrer do movimento histórico, ou seja, haverá um período na história em que a visão de mundo marxista não dará conta de explicar a realidade. Esse período é marcado pela passagem da sociedade de classes para a sociedade sem classe, isto é, o socialismo.

Para Goldmann a consciência do proletariado é mais próxima, relativamente, de uma verdade objetiva, pois como uma “classe universal” tende a se identificar com o conjunto da humanidade. Por este motivo, ela (a classe proletária) deseja uma sociedade sem classes e não impõe uma falsa ideia, nem impede a tomada de consciência da realidade. Em sua teoria, os valores de classes dentro da teoria do conhecimento são gerais e inevitáveis. Estes valores não resultam da moral e nem da psicologia. Não tem como intenção ocultar a verdade, mas é uma deturpação do ponto de vista voltado ao grupo ao qual pertence, guiando, de uma parte, à realidade social e, de outra, fechando a compreensão de outras realidades. Sujeito e objeto são parcialmente iguais no conhecimento histórico e social. Essa parcialidade, segundo Goldmann, é que explica o papel das classes sociais, seus interesses, seus valores e visão de mundo nas ciências humanas. Pois segundo o autor, “os valores das classes sociais agem sobre a estrutura categorial dos pensadores e condicionam a sua percepção” (GOLDMANN⁴ Apud LÖWY, *ibid.*, p.169), por entender que eles são mais adequados para os problemas das condições sociais que guiam o tipo de conhecimento científico.

Para encerrar este levantamento da concepção de visão social de mundo na corrente marxista, apresentaremos mais uma de suas correntes que se debruça sobre a questão da visão de mundo e o conhecimento nas ciências sociais (ou Teoria Crítica e ponto de vista de classe): o marxismo racionalista da Escola de Frankfurt, representado aqui por Max Horkheimer,

⁴ GOLDMAN, L. O Deus escondido, 1955, p.98 e Sujeito e Objeto nas Ciências humanas, 1969, *Raison Présent*, janeiro – março de 1971, n. 17, p.93.

Herbert Marcuse e Theodor Adorno. Estes autores eram, assim como toda corrente revolucionária, radicalmente contrários à ordem estabelecida e contra a postura positivista de ciência “neutra”, livre de pressupostos. A Teoria Crítica⁵ não tem a pretensão de fazer uma ciência neutra, ela expõe seu engajamento partidário e a defesa de pressupostos e valores ligados à posição de classe – proletária. Tal manobra, segundo eles, escaparia de um possível relativismo⁶, como encontrado em *Ideologia e Utopia* em Mannheim.

Para fugir de uma proposta relativista da relação Teoria Crítica e visão de mundo, os frankfurtianos Horkheimer e Marcuse optam, numa relação de “tapas e beijos”, pela teoria lukacsiana de adesão da teoria revolucionária à visão de mundo proletária. Segundo Löwy, ambos os teóricos utilizam, de maneira distinta, e muitas vezes não citando, a teoria de Lukács para tratar a tomada de consciência das classes e o papel (ou “missão”) do teórico crítico neste processo histórico.

Em Marcuse, a tomada de consciência pela classe operária se daria ao longo de seu amadurecimento como protagonista histórica, isto é, quando o proletariado se der conta de seu papel revolucionário, dizendo de outra maneira: “o resgate da essência humana negada e oprimida pelo capitalismo” (Ibid., p.182). Enquanto para Horkheimer a tomada da consciência de si por parte do proletariado poderia ser possível por sua situação objetiva, porém, na sociedade capitalista, a individualização dos interesses dificulta essa ação: “a oposição entre o interesse pessoal e o interesse de classe impede frequentemente o avanço de uma consciência de classe autêntica” (Ibid., 185). O teórico revolucionário, segundo Horkheimer, teria como “missão” lutar pelo ideal (ou utopia) na qual acredita; numa relação horizontal e recíproca com a classe socialmente oprimida, auxiliando-a na tomada de consciência. Já em Adorno, toda discussão sobre a consciência objetiva e o papel revolucionário, além da visão de mundo do proletariado, de acordo com Löwy, não está explícito. Sua crítica era direcionada ao que ele vai chamar de “relativismo cético” na teoria do conhecimento de Karl Mannheim, por este último ter ampliado o conceito de ideologia, vinculando a consciência (seja ela falsa ou verdadeira) à condição social do pensamento. Entretanto, o que é possível perceber é a rejeição da ideia de conhecimento livre do juízo de valor (comum aos positivistas e aos neokantianos). Com isso, há a preocupação de Adorno em desvelar os valores necessários à descoberta da verdade objetiva. Contudo, assim como os outros pensadores da Escola de

⁵ Teoria crítica segundo Horkheimer (2003) é a autoconsciência do indivíduo, o que o permite a este relativizar as coisas tidas como “naturais”, que se opõe a ideologias dominantes.

⁶ Horkheimer acusava a teoria sociológica de Mannheim de relativista por vincular cada pensamento a seu tipo de grupo social.

Frankfurt, ele não ofereceu nenhuma teoria que ultrapassasse a ideia de *Ideologia e Utopia* de Mannheim.

Considerações Finais

O presente artigo tratou do livro *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* do sociólogo brasileiro Michael Löwy, resultado de um ciclo de palestras sobre ideologia e Ciências Sociais. O livro faz alusão à disputa entre duas formas de pensar a relação entre conhecimento e realidade social. Enquanto uma corrente (representada por Karl Marx) concebe o conhecimento arraigado à questão social; a outra (representação do positivismo) tenta se desvencilhar dessa questão social, afastando-a de seu trabalho científico, assim como no conto do Barão de Münchhausen, no qual o mesmo se salva do pântano em que está afundado, agarrando e puxando os próprios cabelos. Entretanto, o ponto em questão trabalhado aqui é evidenciar, a partir apresentação da história do termo ideologia e a transfiguração na ideia de visão de mundo, como a disputa epistemológica das Ciências Sociais também reflete a disputa entre classes social. De um lado, está uma visão defendida pelo conservadorismo e entusiastas defensores da estrutura capitalista, de outro, uma visão que vislumbra a transformação social, cuja principal preocupação é o reconhecimento do agente no processo desta transformação social.

As questões que se pretendeu levantar a partir da teoria construída e consolidada por Löwy foram sobre a relevância da visão de mundo utópica para construção do conhecimento das Ciências Sociais em contraposição à visão de mundo ideológica. A primeira tem maior importância para o autor, marxista e militante da causa operária, por ser o formato ideológico que carrega em si a vontade de mudança das estruturas de dominação que o proletariado demanda e que, desde Marx e Engels, opõe-se a uma visão de mundo conservadora e legitimadora da dominação. Em outras palavras, a visão de mundo utópica é o pensamento que guiará o proletário e permitirá à consciência de classe. É a visão subversiva, revolucionária, que será responsável por reverter a lógica de dominação burguesa. Neste sentido, a visão de mundo utópica é importante, pois garante ao oprimido a chance de se reconhecer no processo de exploração. Ela é derivada da posição em que o indivíduo se encontra na sociedade, mas para isso é necessário criar as condições pertinentes. Neste momento, a sociologia marxista é um importante instrumento, uma vez que ela se utiliza dessa visão de mundo para interpretar a estrutura social e as relações de poder, unindo a teoria à práxis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO GOMES. A; REIS. D. *Um intelectual marxista: entrevista com Michael Löwy*. Tempos, Vol. 1, n. 2, setembro de 1996, UFF, Niterói, RJ, pp.166-183.

QUERIDO, Fabio Mascaro. *Marxismo libertário e a imaginação revolucionária em Michael Löwy*. Estudos Avançados 28. 2014. P299-304.

JINKINGS, Ivana. *As Utopias de Michael Löwy: reflexões de uma marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.